

**AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM CRIMES DE EXTORSÃO:
UMA ANÁLISE DE DISCURSOS PATÊMICOS EM GOLPES DE FALSO
SEQUESTRO**

**THE ARGUMENTATIVE STRATEGIES IN CRIMES OF EXTORTION: AN
ANALYSIS OF PATHEMIC DISCOURSES ON SCAMS FAKE KIDNAPPING**

Welton Pereira e Silva¹

Mônica Santos de Souza Melo²

Resumo: *O presente artigo busca analisar as estratégias argumentativas utilizadas por criminosos em tentativas de extorsão nos chamados golpes de falso sequestro. Essa nova modalidade criminal consiste na ligação telefônica feita a uma vítima, normalmente aleatória, na qual os criminosos se passam por sequestradores de algum familiar da pessoa que recebeu o telefonema e, através de intimidação e ameaças, tentam coagi-la a pagar um resgate. Para esse estudo, nos baseamos principalmente na noção de argumentação de Koch (1999) e nos estudos feitos por Charaudeau (2010) a respeito das emoções no discurso, afinal a maior parte dos argumentos utilizados é de natureza patêmica, ou seja, buscam comover a vítima a fim de que ela aceite negociar com os criminosos. Através de transcrições feitas a partir de trechos de gravações telefônicas dessas conversas, pudemos constatar que alguns tipos de argumentos são mais frequentes e analisamos algumas ocorrências argumentativas que tentam provocar determinadas emoções nas vítimas, principalmente o medo e o sentimento de culpa.*

Palavras-chave: Discurso patêmico; Argumentação; Golpe de falso sequestro.

Abstract: *The present paper intends to analyze the argumentative strategies used by fake kidnapping criminals. This crime consists in a phone call conversation to some aleatory victim in which the criminals pretend to be kidnappers of the person's relative to threaten them and ask for a ransom. This paper is based on the argumentative notions of Koch (1999) and the research of Charaudeau (2010) concerning the emotions in speech, since most of the arguments used by the criminals intend to persuade the victims to negotiate with them. Through parts of the recording conversations transcriptions it is possible to notice that there are some frequent kind of arguments and some argumentative speeches that try to cause certain feelings in the victims such as fear and guilt.*

Keywords: Pathemic discourse; Argument; Fake kidnapping.

1 Introdução

Nos últimos anos, uma modalidade nova de crime de extorsão fez várias vítimas no Brasil devido à facilidade de realização do ato criminoso. Os golpes de falso sequestro, como

¹ Discente do Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Viçosa, Brasil, e-mail: weltonp.silva@hotmail.com

² Docente do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Viçosa, Brasil, e-mail: monicassmelo@yahoo.com.br

é chamado esse tipo de crime, consistem na ligação telefônica feita para alguém com o intuito de extorquir uma determinada quantia ameaçando a vida de algum ente querido da pessoa que atendeu a ligação. No presente trabalho, analisaremos as estratégias argumentativas utilizadas pelos criminosos com o intuito de convencer a vítima da veracidade das suas afirmações. Esses argumentos, normalmente intimidações e ameaças, têm por característica a tentativa de se embasar nos sentimentos da vítima, na medida em que toda a negociação gira em torno do sequestro e da ameaça de morte a algum familiar.

Na medida em que uma parte significativa desses crimes é consumada, aproximadamente vinte por cento (RODRIGUES, 2007), faz-se necessário um estudo linguístico que procure compreender a interação criminoso-vítima nessa modalidade de crime de extorsão.

Dessa forma, na primeira parte do presente trabalho nos propusemos a apresentar as características do texto oral, já que nosso estudo se fundamenta na análise de trechos conversacionais. Na segunda parte, discorreremos acerca da recente modalidade criminal chamada de golpe de falso sequestro. Isto posto, nos basearemos em alguns estudos da Análise do Discurso, da Linguística Textual e da Análise da Conversa para, na terceira parte, analisarmos algumas gravações telefônicas de golpes de falso sequestro para entendermos como se dão os processos argumentativos nas mesmas. Nosso *corpus* de análise consiste em trechos de gravações telefônicas conseguidos e disponibilizados na modalidade *on-line* pela revista *Veja*. A partir dessas gravações, fizemos a transcrição das conversas ocorridas entre os sequestradores e as vítimas seguindo as normas técnicas do Modelo Jefferson de Transcrição.

2 O texto oral

Na medida em que nossa análise se baseia em um *corpus* formado por trechos conversacionais de gravações telefônicas, faz-se necessária uma rápida descrição acerca das particularidades dos textos orais.

Ao contrário do se imaginou durante muito tempo, os textos orais, espontâneos por natureza, não são caóticos ou impassíveis de ser analisados. Um bom número de linguistas tem se dedicado a pesquisar e a descrever as propriedades dos textos orais, ou conversacionais, e essas pesquisas têm elucidado cada vez mais as particularidades e características dos textos dessa modalidade de língua. Conforme nos lembra Kock (1993):

Todo texto é resultado de uma co-produção entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal co-produção se realiza. No texto escrito, a co-produção se resume à consideração do Outro para o qual se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor.

Dessa forma, notamos que o texto oral é normalmente produzido em um contexto conversacional, afinal a conversa é a atividade basilar do uso da linguagem. Na medida em que o ato conversacional só se realiza em parceria com o Outro, o interlocutor, devemos sempre levar em consideração o aspecto dialógico quando estudamos o texto oral. Na verdade, o texto escrito é também produzido com a finalidade de atingir ao seu interlocutor, porém, normalmente, este não está presente no momento da produção textual.

Uma das características mais proeminentes do texto oral, quando comparado com o escrito, é o seu caráter descontínuo. Na maioria das vezes, o texto oral é produzido de forma espontânea e não planejada, o que proporciona um conjunto de particularidades próprias a ele, pois:

a rapidez com que o locutor constrói a fala tem consequências no controle do fluxo da informação, conduzindo-o a descontinuidades nesse mesmo fluxo, reveladas por fenômenos como repetições, paráfrases, inserções, anacolutos, falsos começos e outros; assim, ela vai mostrando seus próprios processos de criação ao contrário da escrita, que tende a escondê-los, apresentando só os resultados (FÁVERO, 1991, p. 76).

Como podemos observar, o texto oral apresenta a dinamicidade como uma de suas características principais, enquanto que o texto escrito é mais estático. Esse fato corrobora para que algumas descontinuidades, como as hesitações e interrupções, ocorram no desenvolver do texto, tais como as que foram citadas no excerto anterior. Algumas dessas descontinuidades, no entanto, apresentam um papel importante no que diz respeito à coesão e coerência do texto oral, ou seja, à sua textualidade.

Tomando a definição de coesão como o fator textual que interliga as partes estruturais do texto, podemos destacar a *repetição* como uma estratégia coesiva bastante frequente em textos orais. Na medida em que, pelo seu caráter efêmero, o texto oral não possibilita que seu interlocutor recorra ao que foi dito antes para fazer uma retomada anafórica adequada, a repetição de itens lexicais se faz necessária. Outra estratégia comum é a *paráfrase*, ou seja, a substituição de um lexema por outro de valor semântico aproximado. A paráfrase é também um tipo de reformulação textual.

Como já dissemos, o texto oral se caracteriza por sua natureza dialógica. Dessa forma, esse tipo de texto se distingue do escrito por apresentar uma estrutura formada por uma dinâmica de turnos. Segundo Freitas e Machado (2008, p. 122):

o turno, a fala de um participante da conversa, é um segmento construído a partir de Unidades de Construção de Turno (UCTs) e pode corresponder, de uma maneira geral, a unidades como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou mesmo recursos prosódicos.

Cada participante da conversa tem a sua vez de falar e, quando seu turno termina, algum outro participante, selecionado ou não, toma a palavra e, por conseguinte, o turno conversacional. A conversa espontânea não segue regras tão rígidas, o que faz com que, eventualmente, alguma fala se sobreponha a outra ou algum falante force o término do turno precedente ao seu, dentre outras possibilidades.

É interessante ressaltar também que o caráter não planejado do texto oral é o que fará com que aconteçam algumas discontinuidades no texto proferido, como, por exemplo, a *hesitação*, que pode ser entendida como uma maneira do falante pensar a respeito do que dirá logo em seguida e formular melhor seu enunciado. A hesitação, segundo Marcuschi (1993) pode consistir de fenômenos prosódicos tais como as pausas, os alongamentos vocálicos, as expressões hesitativas (ah, éh, ahn, hum...), alguns itens lexicais ou funcionais, alguns fragmentos lexicais, repetições e falsos inícios.

Os trechos conversacionais analisados apresentarão algumas dessas características, no entanto, o foco nessas peculiaridades do texto oral não é o objetivo primário do presente trabalho.

3 O golpe do falso sequestro

Para uma melhor contextualização do tema proposto, discorreremos brevemente a respeito das características da prática criminosa que corresponde ao nosso *corpus* de análise.

As tentativas de extorsão através de ligações telefônicas tornaram-se tão comuns há alguns anos que esse ato acabou por consolidar uma nova modalidade criminal: o chamado golpe do falso sequestro. Esse crime é normalmente praticado por presidiários que fazem ligações para números aleatórios e, utilizando-se de apelos e ameaças, exigem o pagamento de uma certa quantia de dinheiro ou a compra de cartões de recarga de telefones celulares. Como

as ligações ocorrem, na maioria das vezes, de madrugada, as vítimas são pegas desprevenidas e levadas ao desespero e, por vezes, sucumbem à vontade do criminoso.

De acordo com Rodrigues (2007, p. 22),

Inspirada em outras espécies de golpes telefônicos criados há aproximadamente cinco anos por sentenciados da penitenciária fluminense Carlos Tinoco da Fonseca, esta extorsão vem sendo aperfeiçoada de modo a se tornar cada vez mais ameaçadora. As vítimas que antes quase sempre eram escolhidas de modo aleatório, comumente hoje são escolhidas e pesquisadas de modo percuciente.

O autor supracitado afirma também que cerca de vinte por cento das vítimas chegam a pagar o falso resgate e, conseqüentemente, consumir a extorsão.

A principal estratégia utilizada nesses crimes consiste na ligação para um número aleatório, no entanto, uma variação desse crime recebe a colaboração de uma prática anterior. Nessa variação, os criminosos ligam para alguma pessoa dizendo que esta ganhou algum tipo de prêmio e que precisa dos dados pessoais, inclusive o telefone. Caso a vítima aceite passar as informações, os criminosos ligam para aquele número de telefone fornecido e, utilizando-se dos dados recebidos, fazem ameaças aos familiares da vítima.

Fazendo as ligações, normalmente, de dentro de presídios e exigindo um pagamento de uma quantia mais acessível que varia de dois a dez mil reais, os criminosos surpreendem suas possíveis vítimas e, utilizando-se de várias estratégias argumentativas, tentam coagi-la a efetuar o pagamento ou a compra de cartões de recarga de telefone celular. Através dessas estratégias, os criminosos procuram convencer a vítima em potencial de que seu ente querido está mesmo sob seu poder. Para isso, eles procuram usar o máximo de informações conseguidas a respeito do falso sequestrado e tentam obter novas informações durante o período de negociação. Devido a isso, uma das sugestões preventivas dadas pela Polícia Civil é que a vítima não mencione nenhuma informação referente àquele familiar que supostamente foi sequestrado, fato que facilitaria a aplicação do golpe.

Além das informações obtidas durante a interação, o criminoso faz uso de argumentos patêmicos na tentativa de fazer com que a vítima acredite naquilo que ele está dizendo e, conseqüentemente, pague o resgate. Essa característica dos golpes de falso sequestro será explicitada adiante.

4 O discurso patêmico

O apelo às emoções é uma estratégia argumentativa bastante eficaz que costuma fazer com que o argumento seja levado em consideração de forma mais eficiente. Para notarmos que essa afirmação é verdadeira, basta nos lembrarmos de conversas cotidianas entre um casal ou entre membros de uma mesma família. Nessas relações sociais os argumentos que buscam respaldo nas emoções do outro costumam aparecer com frequência, na medida em que as representações emocionais estão intimamente ligadas a laços sociais pré-definidos, como os laços familiares, de amizade, etc. De acordo com Charaudeau:

Se puede decir que una representación es “emocional” cuando describe una situación acerca de la cual un juicio de valor, compartido colectivamente y, por lo tanto, instituido como norma social, dice que esta situación es conmovedora: un accidente es una situación acerca de la cual uno se puede representar a las víctimas de las cuales la norma social nos dice que son personas que sufren y que deben captar nuestra compasión. Evidentemente, esta emoción será experimentada en mayor o menor grado dependiendo del lazo que nos une con las víctimas (parentesco, amistad, amor o ser un simple espectador). La relación emocional compromete al sujeto con un comportamiento de reacción en función de las normas sociales a las cuales está ligado, que ha interiorizado o que permanecen en sus representaciones (CHARAUDEAU, 2010, p. 08)³.

Essas representações emocionais, portanto, levam as pessoas a julgar se determinada situação é comovedora e desperta sua piedade, seu medo, seu descaso. As relações emotivas existentes entre o expectador da situação e aquele que vivencia essa mesma situação obriga o expectador a tomar um partido emocional a respeito do outro. Para explicar melhor, podemos nos ater à situação interacional da conversa telefônica em um golpe de falso sequestro, pois a partir do momento em que o criminoso ameaça a vida de um ente querido da vítima, esta se vê na obrigação de fazer algo a respeito, o que leva, por vezes, a vítima a pagar o falso resgate. Essa reação tem uma ligação intrínseca àquilo que Charaudeau chama de *saberes de crença*. Para o analista do discurso, ao contrário dos *saberes de conhecimento*, os saberes de crença nascem da experiência de cada um e da relação que este tem com determinados sujeitos ou

³ “Pode-se dizer que uma representação é “emocional” quando descreve uma situação sobre a qual um juízo de valor, compartilhado coletivamente e, portanto, instituído como norma social, diz que esta situação é comovedora: um acidente é uma situação na qual se pode representar as vítimas sobre as quais a norma social nos diz que são pessoas que sofrem e que devem captar nossa compaixão. Evidentemente, esta emoção será experimentada em maior ou menor grau dependendo do laço que nos une às vítimas (parentesco, amizade, amor ou ser um simples espectador). A relação emocional compromete o sujeito com um comportamento de reação em função das normas sociais à quais está ligado, que tenha interiorizado ou que permaneçam em suas representações”. (Tradução nossa)

situações. Dessa forma, a representação emocional que a possível vítima dos casos analisados fazem dos criminosos é justamente a de “pessoa de má índole, sem escrúpulos, capaz de concretizar aquilo que está ameaçando”. Representações ligadas ao senso comum e ao conhecimento compartilhado e que são reforçadas pela construção do *ethos* discursivo, ou seja, a imagem construída de si mesmo no discurso feito pelo criminoso. Esse fato será melhor elucidado posteriormente.

Quanto às intenções do discurso patêmico, Charaudeau ainda nos diz que:

El *cómo conmover al otro* es el objetivo que se plantea el sujeto hablante para hacer que ese otro no piense y se deje llevar por los movimientos de su afecto. El sujeto hablante se vale, entonces, de estrategias discursivas que tienden a provocar la emoción, los sentimientos, del interlocutor o del público con el fin de seducirlo o, por el contrario, hacerle sentir miedo. Se trata de un proceso de dramatización que consiste en provocar la adhesión pasional del otro alcanzando sus pulsiones emocionales. Es la problemática del *pathos* (CHARAUDEAU, 2010, p. 13)⁴.

Note-se, portanto, que o que chamamos de discurso patêmico é justamente a produção discursiva orientada para a comoção do outro interlocutor. Nos casos analisados, aqueles cujos discursos possuem essa orientação utilizam-se de estratégias argumentativas focadas, principalmente, na ameaça à vida de algum ente querido com a finalidade de provocar medo, terror e insegurança na vítima. Recorrendo à origem da palavra, percebemos que o helenismo *pathos* se encontra na raiz etimológica de palavras portuguesas como paixão, simpatia, apatia, ou seja, palavras cujos significados estão inerentemente ligados à noção de sentimento, emoção.

De acordo com Melo (2011), Charaudeau distingue três condições específicas que favorecem a promoção do efeito patêmico. São elas:

- 1) o discurso produzido se inscreve num dispositivo comunicativo cujos componentes (sua finalidade e os lugares que são atribuídos antecipadamente aos parceiros da troca), predis põem ao surgimento de efeitos patêmicos;
- 2) o campo temático sobre o qual se apóia o dispositivo comunicativo prevê a existência de um universo de patemização e proponha uma certa organização dos tópicos (imaginários socio-discursivos) susceptíveis de produzir tal efeito;

⁴ “O *como conmover o outro* é o objetivo almejado pelo sujeito falante para fazer com que esse outro não pense e se deixe levar pelos movimentos de seu afeto. O sujeito falante se vale, então, de estratégias discursivas que tendem a provocar a emoção, os sentimentos, do interlocutor ou do público com o fim de seduzi-lo ou, pelo contrário, fazê-lo sentir medo. Trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro alcançando seus impulsos emocionais. É a problemática do *pathos*.” (Idem)

3) no espaço da estratégias deixado disponível pelas restrições do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação adota uma encenação discursiva com finalidade patemizante. (MELO, 2011, p. 160)

Explicando melhor, podemos perceber que a primeira condição se consolida nos casos de tentativas de falso sequestro analisados pelo fato de a finalidade comunicativa se mostrar clara para a vítima. Dessa forma, a situação interacional favorecerá o surgimento de reações patêmicas por parte da vítima na medida em que alguns fatores corroboram para isso, como o fato de a ligação ser feita de madrugada, pegando a vítima desprevenida, o fato de, coincidentemente, algum ente querido estar fora de casa e, também, a situação de risco declarado envolvendo algum familiar. A segunda condição se apresenta durante toda a interação, afinal, a possível violência e ameaça de morte a um ente querido desperta, normalmente, a comoção nas vítimas da ligação telefônica. Por fim, a terceira condição se apresenta nas gravações analisadas sob a forma de vocábulos que remetem à noção de violência e morte, palavrões, exclamações, descrições pormenorizadas da situação do sequestrado, inclusive, afirmando que a pessoa *implora* pela vida e também o uso da modalidade alocutiva, pois quando o criminoso faz perguntas do tipo “é isso que a senhora quer?” ele transfere a responsabilidade da possível morte do sequestrado para a vítima. Através desses recursos linguísticos, os enunciados remetem a imaginários ligados à emoção e, conseqüentemente, ajudam a provocar o efeito patêmico na vítima.

Essas condições e suas realizações nos discursos analisados poderão ser melhor percebidas nas análises dos trechos conversacionais adiante.

5 As estratégias argumentativas em golpes de falso sequestro

Durante o processo interacional, os criminosos fazem uso de algumas estratégias argumentativas na tentativa de coagir a vítima a fazer aquilo que eles desejam, normalmente, a entrega de certa quantia em dinheiro ou o código de recarga de aparelhos celulares. Neste trabalho, adotamos a noção de argumentação descrita por Koch (1999), ou seja, não a argumentação lógica que possui valor probatório, mas a argumentação como sinônimo de persuasão e ao contrário do que ela chama de “ato de convencer”. Este último, segundo a pesquisadora, está ligado à razão enquanto que o primeiro tem relação com as emoções. Koch também nos lembra que a prática da argumentação busca provocar alguns efeitos no ouvinte.

É o que os filósofos da linguagem Austin e Searle chamaram de “atos perlocucionais”, dentre os quais se encontram os atos de convencer, persuadir e atemorizar.

No que se refere à noção de estratégia discursiva aqui apresentada, partimos da explicação dada a partir de uma teoria discursiva: a Semiolinguística. Sob este ponto de vista, as estratégias discursivas são compreendidas como o conjunto de atos discursivos que fazem com que o discurso do sujeito enunciadador produza determinados efeitos no sujeito ouvinte. Dessa forma, o sujeito enunciadador pode encenar alguns efeitos de identificação, relacionados à imagem que ele deseja construir de si mesmo no discurso (ethos), alguns efeitos de patemização, que se relacionam com a intenção de fazer com que o seu interlocutor experimente determinadas emoções e alguns efeitos de racionalização, já relacionados às estratégias de argumentação.

Não podemos deixar de esclarecer, também, que a noção de discurso aqui trabalhada é a de que todo ato comunicativo traz consigo alguma intencionalidade. Além disso, conforme nos diz Charaudeau (2006), todo ato de linguagem é uma tentativa de agir sobre o outro:

Mas agir sobre o outro não pode se reduzir a um simples fim de fazer fazer, de fazer dizer ou de fazer pensar. O fim (objetivo) se acompanha de uma exigência: a de ver a intenção ser seguida de um efeito. Esta exigência completa a finalidade comunicacional por um objetivo de ação que consiste em colocar o outro em uma posição de obrigação a ser executada, em uma relação de submissão à posição do sujeito que fala. Podemos então nos perguntar o que pode obrigar o sujeito alvo a agir. Levantaremos a hipótese de que é a existência de uma ameaça que repousa sobre ele e que poderia colocá-lo em uma má situação se ele se recusasse a cooperar, ou a existência de uma gratificação (que poderia ser pessoal) que ele poderia obter se aceitasse a submissão. Ameaça ou gratificação constituem uma sanção (CHARAUDEAU, 2006, pp. 253 e 254).

Como podemos perceber, no nosso objeto de análise essa relação entre as ameaças por parte do sujeito que fala e a submissão do interlocutor é muito mais acentuada e perceptível na medida em que o falante faz uso de intimidações e ameaças explícitas. A gratificação proposta por Charaudeau consistiria, aqui, na hipotética libertação da pessoa sequestrada. Assim sendo, nesses telefonemas, o criminoso faz uso da linguagem com a finalidade de chegar a alguns objetivos específicos: fazer com que a vítima pense que toda aquela situação de sequestro é verdadeira (fazer-criar) e, conseqüentemente, fazer com que a vítima faça aquilo que ele deseja, no caso, o pagamento do falso resgate (fazer-fazer).

Partindo para a análise do *corpus* propriamente dito, notamos que para chegar aos objetivos citados anteriormente, os criminosos utilizam-se de argumentos ligados à situação

de desvantagem na qual se situa a vítima. Assim, visto que um familiar está à sua mercê, o criminoso teria uma grande vantagem na disputa, o que culmina em argumentos lógicos e patêmicos que levam a possível vítima a crer que para salvar seu ente querido, precisará fazer o que os criminosos querem, como se observa no trecho abaixo⁵:

Situação I: Sequestro da filha da vítima⁶

19	Criminoso II	ela é filha da senhora
20		num é?
21	Vítima	é::
22	Criminoso II	olha só
23		ela foi vítima de um assalto
24	Vítima	hã? ((voz de choro))
25	Criminoso II	trouxemos ela aqui pro interior de uma favela e
26		tamo ligando pra poder resolver e negociar pela
27		vida dela de uma melhor maneira possível.
28		até porque .hhh ela mesmo tem pedido,
29		implorado pela própria vida que fizesse essa
30		ligação pra senhora=
31	Vítima	Ta
32	Criminoso II	=correto?
33		.hhh
34		peço que a senhora mantenha a calma
35		não fique nervosa
36		não envolva qualquer outro tipo de pessoa (.) pra
37		não ter que ter agravante na vida da sua filha
38		entendeu?
39	(Criminoso I)	°() pra ajudar°
40		nosso objetivo é ajudar e soltar a sua filha [com
41		vida]

Na conversa representada acima, um dos criminosos liga para a vítima e imita a voz desesperada de alguém que foi sequestrado. A pessoa que atendeu ao telefone logo se coloca em estado de desespero e nesse instante outro criminoso toma o turno na conversa e faz a vez de um negociador que tenta, através da lógica, fazer com que a vítima entre em um acordo com eles. Para isso, eles utilizam alguns argumentos chaves para auxiliar na negociação como “estamos ligando para tentar resolver e negociar a vida dela da melhor maneira possível”, e fazem uso da modalidade injuntiva, tentando impor um comportamento à vítima: “não envolva qualquer tipo de pessoa pra não ter nenhum agravante na vida da sua filha”. Além disso, ao utilizarem frases como “nosso objetivo é ajudar e soltar sua filha com vida”, os criminosos fazem ameaças indiretamente, pois nessa frase podemos subentender que a filha

⁵ Os trechos das conversas foram transcritos de acordo com as regras propostas pelo Modelo Jefferson de Transcrição. Esse modelo, desenvolvido para pesquisas no âmbito da Análise da Conversa foi escolhido para a nossa pesquisa por se tratar de um modelo que visa transcrever a conversa da forma mais fiel possível. Assim sendo, as pausas, prolongamentos, hesitações, expirações e outras marcas características do texto oral podem ser representadas. Cada linha da transcrição representa um turno da conversa e os diversos símbolos utilizados são apresentados em uma tabela no final do presente trabalho.

⁶ Fonte das gravações: <http://veja.abril.com.br/210207/p_038.shtml#trechos>. Acesso em 14 mar. 2013.

da vítima pode perder a vida. Ao fazer uso dessas afirmações e da modalidade injuntiva, o criminoso tenta fazer com que a vítima mantenha a calma e não envolva mais ninguém na interação, dessa forma, ele acredita que a negociação seria mais rápida e que a vítima colaboraria de forma mais eficaz. Ao fazer uso de expressões como “resolver e negociar” e “nosso objetivo é ajudar”, os criminosos tentam passar a impressão de que, caso a vítima contribua de forma satisfatória, aquela situação poderá se acabar rapidamente.

Apesar das tentativas de manter um diálogo pautado em uma conversa conduzida de forma tranquila e racional, com o uso de argumentos racionais, essas interações costumam não correr de forma calma. A partir do momento em que um sequestro é anunciado, logo no início da conversa, a vítima tende a se desesperar e os criminosos se vêm obrigados a utilizar argumentos mais enfáticos, passando a fazer uso de intimidações e graves ameaças. Observe a continuidade da conversa acima depois que a vítima insiste para falar com sua filha supostamente sequestrada:

Situação I: Sequestro da filha da vítima

48	Criminoso II	olha só,
49		TÁ DISPOSTA A NEGOCIAR PELA VIDA DELA?
50		JÁ MANDEI TIRAR ELA DAQUI PORQUE ELA TAVA FAZENDO
51		[tava dando muito trabalho]
52	Vítima	[<pelo amor de deus>]
53		põe na- eu quero falar com ela. ((voz de choro))
54	Criminoso II	olha só
55		se a senhora não querer negociar, eu vou ter que
56		desligar o telefone e vou matar tua filha, PORRA
57	Vítima	num é ↑negociar,
58		eu num TENHO NADA
59		eu só quero que você põe o telefone nela,
60		sou [faxineira]=
61	Criminoso II	[olha só]
62	Vítima	faxineira.
63	Criminoso II	é::
64		a senhora tá disposta a negociar?

Podemos notar que houve uma mudança facilmente observável no discurso do criminoso após o pedido da vítima. Agora ele chega a gritar de forma agressiva (representado pelas letras maiúsculas) e a argumentação reitera de modo mais enfático, mais explícito, a ameaça de morte à filha caso a negociação não seja feita. Observe que o pedido da pessoa que atendeu ao telefone vai contra a armação organizada pelo criminoso e, dessa forma, ele se enfurece e percebe que precisa coagir a vítima de forma mais violenta. O criminoso chega, inclusive, a mencionar que a filha havia sido levada do local.

A tentativa de intimidar a vítima ameaçando a vida de sua filha consiste em um ato de argumentação patêmica, na medida em que os criminosos fazem apelo às emoções nutridas pela mãe em relação à filha. Essa é uma estratégia argumentativa que tem por finalidade apresentar as consequências de um determinado ato. Perelman & Tyteca (1996) descrevem essa estratégia como *argumento pragmático* que “é aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis.” (p. 303). Essa estratégia descrita pelos autores acima citados é um recurso bastante utilizado nos golpes de falso sequestro, justamente pela ameaça à qual está submetida o parente supostamente sequestrado. Assim, a argumentação nesses golpes se baseia, sobretudo, nesse tipo de argumento, pois se a vítima pagar o resgate, poderá salvar seu parente. Caso contrário, o ente querido em poder dos criminosos pode vir a ser morto.

Passemos agora para a análise de outro trecho conversacional pertencente à segunda situação interacional analisada.

Na seguinte situação, a vítima recebe uma ligação a cobrar e o criminoso se identifica como um tenente. O fato de um representante policial fazer uma ligação a cobrar já deveria ter levantado suspeita por parte da vítima, mas não foi o que ocorreu. Após dizer que um familiar da vítima havia sido acidentado, esta acabou por dizer o nome de sua filha, fato que contribuiu para que o criminoso desse continuidade à tentativa de extorsão. Em um determinado momento, ele anuncia o suposto sequestro e tenta fazer uma negociação:

Situação II: A filha acidentada

41 Criminoso olha só senhora
42 a sua filha pediu pra mim entrar em contato com a
43 senhora
44 é ela mermo
45 tá?
46 Vítima hum?
47 ela tá- ela tá viva?
48 Criminoso tá viva
49 (1,0)
50 mas eu vou explicar pra senhora,
51 a situação dela é um pouco mais grave do que
52 parece
53 tá?
54 Vítima ↑uhum
55 péra um pouquinho só que eu vou chamar meu marido
56 Criminoso OLHA SÓ, senhora
57 Vítima é que tô sem o carro ((tom de choro))
58 [péra um pouquinho::]
59 Criminoso [olha só senhora, olha só]
60 sem chamar o seu marido pra senhora num perder a
61 vida da sua filha
62 tá entendendo?
63 Vítima Fala
64 Criminoso a sua filha na verdade ela não foi acidenta:da
65 ela tá aqui com a gente
66 a sua filha foi vítima de sequestro.
67 tá me entendendo?
68 .hhh
69 se a senhora tentar chamar o seu marido ou
70 desligar o telefone a gente vai tacar fogo na sua
71 filha viva
72 é isso que a senhora quer?
73 Vítima não.
74 °por favo:r°
75 Criminoso então fica na linha,
76 numa boa,
77 sem chamar o seu marido e sem envolver outra
78 pe[ssoa]
79 Vítima [eu tô] sem carro
80 eu não posso [()]
81 Criminoso [tudo bem]
82 tu::do bem,
83 numa boa=
84 Vítima =aonde ela tá?
85 Criminoso ela tá dentro dum cativeiro, amarrada e
86 amordaçada e chorando muito
87 e deu o número da senhora e disse que a senhora
88 taria disposta a ajudar.
89 >tá me entendendo?<
90 Vítima °tô::°
91 Criminoso e se a senhora tentar chamar seu marido ou tentar
92 desligar o telefone a gente vai tacar gasolina
93 nela e tacar fogo nela viva.
94 >tá me entendendo?<
95 Vítima °eu tô:°

No trecho acima podemos perceber que a ameaça de morte por fogo é comum nesse tipo de crime justamente pelo efeito patêmico evocado pela simples menção a essa prática. A citação da favela serve para reforçar o argumento do criminoso na medida em que o conhecimento prévio da vítima poderia assimilar facilmente essa localidade como um lugar violento, reforçando assim o contexto de terror tencionado pelo rapaz que fez a ligação.

Novamente, a utilização de vocábulos como “vítima”, “sequestro” e “cativeiro”, todas pertencentes ao campo semântico da violência e da criminalidade, servem para validar e reforçar o discurso do criminoso acionando a terceira condição de produção do efeito patêmico, descrita anteriormente.

Quando a vítima diz que vai chamar seu marido, o rapaz percebe que deve lançar mão de uma estratégia mais coerciva e faz uso novamente de um *argumento pragmático*, adiantando que a mãe pode perder a vida da filha. Ou seja, o criminoso faz uma ameaça explícita. Logo em seguida, ele esclarece que a filha não foi acidentada, mas sequestrada, e reforça o argumento de que, caso a pessoa que atendeu ao telefone chamasse seu marido, eles “tocariam” fogo em sua filha viva. Podemos notar nesse ponto que o criminoso constrói para si um *ethos* mais intimidador ao usar a expressão “a gente”, dando a ideia de um grupo inteiro de sequestradores e, portanto, pessoas que estavam o auxiliando naquela missão. Essa ação serve para intimidar a vítima na medida em que esta se vê negociando a vida da filha não apenas com um criminoso, mas uma possível gangue. É interessante notar que, como nos alertam as autoridades policiais, esses crimes costumam ser praticados por apenas um ou dois criminosos, de dentro dos presídios.

Pouco depois na conversa, os criminosos dizem que “ela (a filha) está dentro de um cativeiro, amarrada e amordaçada, chorando muito”. A descrição da suposta cena serve para evocar novamente as emoções da mãe, que certamente se apiedará da situação desesperadora na qual se encontra sua filha e colaborará com o criminoso. Dando continuidade à cena patêmica evocada, o autor do crime ressalta novamente a possibilidade da morte por combustão da vítima, inclusive citando a gasolina como material. Essas descrições pormenorizadas acabam por deixar o discurso mais credível e verossímil, fato que contribui com todo o contexto interacional patêmico desejado pelos criminosos.

Nas duas interações analisadas, pudemos notar uma outra estratégia argumentativa frequentemente utilizada pelos criminosos. Durante a negociação os supostos sequestradores fazem perguntas do tipo “é isso que a senhora quer?”, “tá disposta a negociar pela vida dela?” e “vai negociar ou vou ter que matar a sua filha?”. O uso dessa modalidade alocutiva tem a finalidade de evocar a culpa e o sentimento de responsabilidade por parte da vítima, afinal, através dessas indagações os criminosos transferem a responsabilidade do salvamento do parente sequestrado para a vítima. De acordo com Perelman & Tyteca (1996), essa técnica, a qual consideramos como uma estratégia argumentativa consiste no que eles chamam de *argumentação pelo sacrifício* que, segundo eles, “alega o sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado”. (p. 281)

Outro aspecto interessante de se analisar é o fato de, por vezes, os criminosos fazerem uso de argumentos falhos, que poderiam comprovar que o sequestro é falso. Observe o trecho abaixo:

Situação I: Sequestro da filha da vítima

46 Criminoso II hã?
47 Vítima °põe nela°
48 Criminoso II olha só,
49 TÁ DISPOSTA A NEGOCIAR PELA VIDA DELA?
50 JÁ MANDEI TIRAR ELA DAQUI PORQUE ELA TAVA FAZENDO
51 [tava dando muito trabalho]

No trecho acima, o pedido da mãe comprometeria o plano dos criminosos. Poucos segundos antes desse trecho do diálogo, uma voz de homem chorando a chamava por mãe, fato que levou a vítima a crer que era sua filha. No momento em que ela pediu para falar novamente com a filha, o segundo criminoso afirma gritando (representado pela caixa alta) que já havia mandado tirá-la do local. Esse fato poderia ser interpretado como uma mentira, pois, em momento algum, ouviu-se essa ordem do criminoso. Além disso, apenas alguns segundos haviam transcorridos desde que o segundo criminoso pegou o telefone da suposta vítima sequestrada.

Na segunda conversa analisada ocorre algo similar:

Situação II: A filha acidentada

19 Criminoso é porque a pessoa logo em seguida acabou
20 desmaiando porque sofreu uma pancada um pouco
21 forte na cabeça.
22 Vítima Uhum
23 Criminoso a senhora tem filho (.) a senhora tem filho ou
24 filha aqui na cidade?
25 Vítima qual é o nome da pessoa por favor?
26 (0,5)
27 Criminoso ↑então:: senhora,
28 eu estou pedindo a ajuda da senhora porque a
29 pessoa tá inconsciente.
30 Vítima °é Lydia.°
31 Criminoso Lydia?
32 Vítima °é°
33 Criminoso vou verificar aqui
34 (1,0)
35 é senhora a senhora me desculpe,
36 eu ter de passar uma informação pra senhora um
37 pouco chata
38 tá?

39 Vítima o que aconteceu?
40 fala, por favor::
41 Criminoso olha só senhora
42 a sua filha pediu pra mim entrar em contato com a
43 senhora
44 é ela mermo
45 tá?

Podemos observar que o criminoso, se passando por um tenente da Polícia Militar, não sabia sequer o sexo da vítima do acidente por ele relatado, fato que por si só poderia levantar suspeição por parte da pessoa que atendeu ao telefone. Após afirmar que a pessoa acidentada havia passado aquele número de telefone, o criminoso faz perguntas referentes a algum familiar que a vítima possuísse na cidade, fato que levou a mãe a mencionar o nome de sua filha. Na medida em que o criminoso havia dito que a pessoa acidentada estava desmaiada, a vítima poderia ter suposto que ele dispunha de mais informações pertinentes e básicas, como o sexo da pessoa, mas dado o momento delicado no qual se encontrava, a vítima acabou não percebendo esse fato. Na verdade, a ligação a cobrar vindo de alguém que se diz tenente da PM deveria, também, ter levantado suspeitas, como já mencionamos anteriormente.

Um pouco mais à frente, na mesma situação interacional, encontramos a seguinte contradição:

Situação II: A filha acidentada

87 Criminoso ela tá dentro dum cativeiro, amarrada e
88 amordaçada e chorando muito
89 e deu o número da senhora e disse que a senhora
90 taria disposta a ajudar.
91 >tá me entendendo?<

Nesse trecho, observa-se uma aparente contradição entre o que o criminoso fala no turno da linha 88 com os turnos seguintes 89 e 90, afinal, se a filha estava amordaçada, fato que a impossibilitaria de conversar com a mãe que havia feito esse pedido, ela também não estaria em condições de dar o número e dizer que a vítima estaria disposta a ajudar.

Com isso notamos que algumas pistas linguísticas fornecidas pelos próprios criminosos poderiam ajudar as vítimas das ligações a perceberem o golpe e a tentativa de extorsão. No entanto, como já vimos anteriormente, a situação patêmica evocada pelos argumentos utilizados pelos criminosos cria toda uma atmosfera de tensão, o que dificulta o julgamento de verossimilhança por parte da vítima.

6 Considerações finais

Notamos, no presente artigo, que além das estratégias linguísticas utilizadas pelos criminosos em golpes de falso sequestro que possibilitam a obtenção de novas informações a respeito da vítima, algumas estratégias argumentativas são também amplamente utilizadas com a intenção de persuadir a pessoa que atendeu ao telefonema a pagar o resgate do suposto sequestro. Essas práticas argumentativas costumam se focar em aspectos lógicos e emocionais, sendo que as maiores ocorrências são justamente os casos nos quais os criminosos apelam para as emoções da vítima e, através de argumentos patêmicos, tentam intimidar, amedrontar e coagir a vítima. O uso das estratégias de *argumentação pelo sacrifício* e do *argumento pragmático* foram os mais frequentes e, dentre esses argumentos, notamos que a ameaça de morte ao suposto parente sequestrado costuma provocar um efeito patêmico extremo por parte da vítima da tentativa de extorsão.

Outra ação recorrente é a descrição pormenorizada da cena de sofrimento do parente sequestrado. É interessante notar também, que o *ethos* construído pelos delinquentes que fazem as ligações é justamente a imagem de alguém ou uma gangue disposta a cumprir com as suas ameaças, mas que libertará a vítima caso o resgate seja pago. Esse é um aspecto que merece ser estudado de forma mais aprofundada em trabalhos futuros. As estratégias argumentativas, também de natureza patêmica, utilizadas pelas pessoas que recebem as ligações para construírem para si o *ethos* de vítima da situação, muitas vezes, relatando que são doentes e dizendo que não têm dinheiro algum merecem, igualmente, ser analisadas com mais profundidade em trabalhos posteriores.

Referências

CHARAUDEAU, P. Las emociones como efecto del discurso: A paraître dans une collection mexicaine, 2010. Disponível em <<http://www.patrick-charaudeau.com/Las-emociones-como-efectos-de.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

_____. **O Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

FREITAS, A. L. P. de; MACHADO, Z. F. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, L. L. e JUNG, N. M. (Org.). **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 59-94.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 5. edição. Cortez Editora: São Paulo, 1999. _____ . Especificidade do texto falado. In JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume 1. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1993.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. (Org.). **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. cap. 5. Editora: Mercado Letras, 2008. p. 127-161.

MARCUSCHI, L. A. **Hesitação**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Volume 1. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1993. p. 48-86

MELO, M. S. de S. A Socialização do Particular em Programas de Televisão. In: EMEDIATO, W. e LARA, G. M. P. (Org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, v. 4, p. 153-168).

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação – A Nova Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, G. E. **Considerações acerca das extorsões realizadas por via telefônica através da simulação de um sequestro**. ADPESP – Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, 2007. Disponível em <http://adpesp.org.br/artigos_exibe.php?id=39>. Acesso em: 14 mar. 2013.

Data de recebimento: 26 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.

Anexo I: Tabela de Convenções do Modelo Jefferson de Transcrição

[colchetes]	Indicam fala sobreposta
(0,5)	Pausas em décimo de segundo
(.)	Micropausa
=	Contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de falantes diferentes
.	Indica descida da entonação
?	Indica subida na entonação
,	Indica entonação de continuidade
:	Alongamento de som
-	Indica interrupção abrupta
<u>Sublinhado</u>	Indica acentuação ou ênfase no volume
MAIÚSCULA	Ênfase acentuada, normalmente, gritos
°palavra°	Sequência produzida em tom mais baixo
↑	Subida entonacional
>palavra<	Sequência proferida velocidade maior
<palavra>	Sequência proferida em velocidade menor
.hhh	Inspirações audíveis
((palavra))	Comentários do transcritor
(palavra)	Quando há dúvidas quanto à transcrição
()	Quando não foi possível a transcrição

Anexo II: Trechos das duas gravações telefônicas analisadas

Trecho I: Sequestro da filha da vítima

Contexto: ligação a cobrar, quando a vítima atende, uma voz de homem chorando começa a falar:

01 Criminoso I ((tom de choro))
02 alô
03 mãe
04 (1,0)
05 fala comigo mãe, por favor
06 Vítima o quê?
07 Criminoso I me pegaram aqui mãe
08 Vítima o que FILHA?
09 Criminoso I me pegaram.
10 Vítima ai meu deus
11 quem pegou você?
12 Criminoso I ((sons de choro))
13 fala com o moço aqui mãe [()]
14 Vítima [ô moço] pelo amor de
15 deus, solta a minha filha!
16 (0,5)
17 Criminoso II alô (.) alô
18 Vítima alô (.) alô::
19 Criminoso II ela é filha da senhora
20 num é?
21 Vítima é::
22 Criminoso II olha só
23 ela foi vítima de um assalto
24 Vítima hã? ((voz de choro))
25 Criminoso II trouxemos ela aqui pro interior de uma favela e
26 tamo ligando pra poder resolver e negociar pela
27 vida dela de uma melhor maneira possível.
28 até porque .hhh ela mesmo tem pedido,
29 implorado pela própria vida que fizesse essa
30 ligação pra senhora=
31 Vítima Ta
32 Criminoso II =correto?
33 .hhh
34 peço que a senhora mantenha a calma
35 não fique nervosa
36 não envolva qualquer outro tipo de pessoa (.) pra
37 não ter que ter agravante na vida da sua filha
38 entendeu?
39 (Criminoso I) °() pra ajudar°
40 nosso objetivo é ajudar e soltar a sua filha [com
41 vida]
42 Vítima [põe
43 na minha]
44 põe nela, por favor.
45
46 Criminoso II hã?
47 Vítima °põe nela°
48 Criminoso II olha só,
49 TÁ DISPOSTA A NEGOCIAR PELA VIDA DELA?
50 JÁ MANDEI TIRAR ELA DAQUI PORQUE ELA TAVA FAZENDO

51 [tava dando muito trabalho]
52 Vítima [<pelo amor de deus>]
53 põe na- eu quero falar com ela. ((voz de choro))
54 Criminoso II olha só
55 se a senhora não quiser negociar, eu vou ter que
56 desligar o telefone e vou matar tua filha, PORRA
57 Vítima num é ↑negociar,
58 eu num TENHO NADA
59 eu só quero que você põe o telefone nela,
60 sou [faxineira]=
61 Criminoso II [olha só]
62 Vítima faxineira.
63 Criminoso II é::
64 a senhora tá disposta a negociar?
65 (1,0)
66 Vítima °hã°
67 Criminoso II tá?
68 Vítima eu QUERO::
69 Criminoso II pode matar a filha dela.
70 (Criminoso I) °tá°
71 aí, mata [()]
72 CriminosoII [pode começar a tacar] fogo nela
73 Vítima [°pelo amor de deus°]
74 CriminosoII pelo amor de deus é o caralho
75 vai negociar ou vou ter que matar sua filha?
76 ((vozes ao fundo))

Trecho II: A filha acidentada

Contexto: ligação a cobrar, após a vítima atender, o criminoso se apresenta como um tenente da Polícia Militar:

01 Criminoso Alô
02 Vítima Oi
03 Criminoso boa noite senhora,
04 aqui é o tenente Douglas, da Polícia Militar.
05 ocorreu um acidente com uma pessoa a qual disse
06 que é seu familiar senhora.
07 com quem eu falo, por favor?
08 Vítima ()
09 Criminoso foi um acidente que tá envolvendo um ônibus,
10 cinco carros e uma moto, senhora
11 e uma dessas pessoa fortemente acidentada .hhh
12 após passar o seu número, acabou ↑desmaiando
13 Vítima °hum?°
14 Criminoso e disse que era seu ↑familiar
15 a senhora tem filho, esposo, alguém aqui na
16 cidade?
17 filho?
18 Vítima ()
19 Criminoso é porque a pessoa logo em seguida acabou
20 desmaiando porque sofreu uma pancada um pouco
21 forte na cabeça.
22 Vítima Uhum
23 Criminoso a senhora tem filho (.) a senhora tem filho ou
24 filha aqui na cidade?

25 Vítima qual é o nome da pessoa por favor?
26 (0,5)
27 Criminoso então:: senhora,
28 eu estou pedindo a ajuda da senhora porque a
29 pessoa tá inconsciente.
30 Vítima °é Lydia.°
31 Criminoso Lydia?
32 Vítima °é°
33 Criminoso vou verificar aqui
34 (1,0)
35 é senhora a senhora me desculpe,
36 eu ter de passar uma informação pra senhora um
37 pouco chata
38 tá?
39 Vítima o que aconteceu?
40 fala, por favor::
41 Criminoso olha só senhora
42 a sua filha pediu pra mim entrar em contato com a
43 senhora
44 é ela mermo
45 tá?
46 Vítima hum?
47 ela tá- ela tá viva?
48 Criminoso tá viva
49 (1,0)
50 mas eu vou explicar pra senhora,
51 a situação dela é um pouco mais grave do que
52 parece
53 tá?
54 Vítima ↑uhum
55 péra um pouquinho só que eu vou chamar meu marido
56 Criminoso OLHA SÓ, senhora
57 Vítima é que tô sem o carro ((tom de choro))
58 [péra um pouquinho::]
59 Criminoso [olha só senhora, olha só]
60 sem chamar o seu marido pra senhora num perder a
61 vida da sua filha
62 tá entendendo?
63 Vítima Fala
64 Criminoso a sua filha na verdade ela não foi acidenta:da
65 ela tá aqui com a gente
66 a sua filha foi vítima de sequestro.
67 tá me entendendo?
68 .hhh
69 se a senhora tentar chamar o seu marido ou
70 desligar o telefone a gente vai tacar fogo na sua
71 filha viva
72 é isso que a senhora quer?
73 Vítima não.
74 °por favo:r°
75 Criminoso então fica na linha,
76 numa boa,
77 sem chamar o seu marido e sem envolver outra
78 pe[ssoa]
79 Vítima [eu tô] sem carro
80 eu não posso [()]
81 Criminoso [tudo bem]
82 tu::do bem,
83 numa boa=
84 Vítima =aonde ela tá?
85 Criminoso ela tá dentro dum cativoeiro, amarrada e

86 amordaçada e chorando muito
87 e deu o número da senhora e disse que a senhora
88 taria disposta a ajudar.
89 >tá me entendendo?<
90 Vítima °tô::°
91 Criminoso e se a senhora tentar chamar seu marido ou tentar
92 desligar o telefone a gente vai tacar gasolina
93 nela e tacar fogo nela viva.
94 >tá me entendendo?<
95 Vítima °eu tô:°